

# **AGRICULTORES FAMILIARES MODERNOS E DIVERSOS**

Dirceu Basso\*\*  
Ivaldo Gehlen\*\*\*

## **RESUMO**

O texto analisa as racionalidades que orientam as condutas produtivas dos agricultores familiares modernos. Objetiva destacar que os agricultores (re)constroem diferentes racionalidades para orientar suas condutas produtivas, fundadas nos significados que atribuem à sustentabilidade social, ambiental e econômica e na construção racional de suas identidades socioprofissionais. A abordagem metodológica baseou-se na perspectiva de que os agricultores familiares modernos constroem a sustentabilidade e identidades a partir de suas práticas de sociabilidade, de relações com o mercado através da comercialização e da adoção de tecnologias. O estudo tem como referência empírica duas regiões políticas do Sudoeste e do Oeste paranaenses. Um espaço *continuum* em que predominam estabelecimentos de agricultores familiares e heterogeneidade produtiva. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com agricultores e informantes qualificados. Para o entendimento das condutas sociais o estudo fundamentou-se nos tipos ideias (Weber), o que possibilitou substituir a diversidade de condutas por um conjunto inteligível, coerente e racional. O conceito de racionalidade social de Weber explica que os homens, ao criarem valores, atribuem significados às suas condutas fundados em valores orientadores e se expressam em racionalidades. O estudo conclui que os agricultores forjam diferentes racionalidades e que a (re)construção das identidades socioprofissionais é definida pelas racionalidades construídas e ou adotadas e que orientam suas condutas, o que contribui de forma relevante com a construção do conceito de agricultura e agricultores familiares na contemporaneidade. Portanto, a relação que eles estabelecem com o mercado é fundamental para sua racionalidade e identidade.

**Palavras-chave:** Agricultores familiares. Racionalidades modernas. Relações com o mercado.

## **ABSTRACT**

This paper analyses the rationalities that guide modern family farmers' productive behaviors. It aims at showing that farmers (re)construct different rationalities in order to guide their productive behaviors and these rationalities are founded on the meanings they attribute to social sustainability as well as in their rational construction of their socio-professional identities. The methodological approach was based on the perception that modern family farmers construct sustainability and identities from their sociability practices, from their relation with market through commercialization and from the use of technologies. Two political regions of Southwestern and Western Paraná have been established as empirical reference for this study. This is a continuum space in which family farming and productive heterogeneity prevail. Semi structured interviews were carried with qualified farmers and interviewees. In order to understand the participants' social behaviors, the study was founded on the ideal types of Weber, which made it possible to turn the diversity of behaviors into an intelligible, coherent and rational whole. Weber's conception of social rationality explains that when men create values, they attribute meanings to their behaviors which are based upon orienting values, and they express themselves through their rationalities. The study shows that farmers forge different rationalities and that the (re)construction of their socio-professional identities is defined by these rationalities which are forged and/or adopted by them in order to guide their behaviors, thus strongly contributing to the construction of the current conception of agriculture and family farmers. Therefore, the relation they build with the market is crucial to their rationality and identity.

**Keywords:** Family farmers. Modern rationalities. Relations with the market.

---

\*\* Doutor em Desenvolvimento Rural. Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: dirceu.basso@unila.edu.br

\*\*\* Doutor em Sociologia. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: ivaldo@ufrgs.br

O presente artigo Agricultores Familiares Modernos e Diversos foi apresentado no do IV Encontro Internacional de Ciências Sociais – Espaços Públicos, Identidades e Diferenças (GT 24 – Metamorfoses do rural contemporâneo), realizado na Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas (RS), de 18 a 21 de novembro de 2014.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute as racionalidades adotadas pelos agricultores familiares modernos a partir das relações estabelecidas no mercado. Elas, ao orientarem as condutas dos agricultores, promovem modificações nos sistemas produtivos e no estilo de vida destes, bem como em suas identidades socioprofissionais.

Nas últimas décadas, os agricultores familiares modernos vivenciam uma diversidade de pressões políticas, de afirmação (amadurecimento) institucional, de transformações tecnológicas e de profundas mudanças nas formas de intermediação entre a produção familiar e o mercado.

Na sociedade moderna, a agricultura familiar apresenta-se como uma realidade multiforme e uma categoria genérica (WANDERLEY, 1999; GEHLEN, 2001). Sua diversidade de condutas nas práticas sociais é resultante da sua capacidade de adaptação no universo social, fato que evidencia a existências de diferentes motivos e significações nas relações estabelecidas com o mercado. Para Lamarche (1993, p. 14), “a agricultura familiar não é um elemento da diversidade, mas contém nela mesma toda a diversidade”.

Os agricultores adquirem capacidades, objetivando arquitetar soluções para confrontarem-se com os problemas cotidianos onde estão inseridos (TOURAINÉ, 1994). Os caminhos exatos da mudança e os significados assumidos pelos agricultores em suas condutas não podem ser explicados como impostos de fora, nem mesmo em termos de uma estrutura lógica inexorável (LONG, 2007). Suas condutas não se apresentam como homogêneas, elas ocorrem à revelia da teoria da modernização (SANTOS, 1999). Esse fato demanda dos pesquisadores a necessidade de ampliar a compreensão de outras racionalidades (LEFF, 2006).

Os estudos das racionalidades dos agricultores assumem importância crescente pelo reconhecimento, também crescente, deste “modo” de produção nas últimas décadas, alicerçado pela conjugação de fatores sociais, políticos e intelectuais (SCHNEIDER, 2006) e de conhecimento.

A diversidade da agricultura familiar não se constitui em obstáculo ao desenvolvimento rural. Ao contrário, o desenvolvimento rural é tributário da diversidade das racionalidades dos agricultores pelas quais conseguem viabilizar as condições de vida e de produção para garantir sua identidade socioprofissional e sua sustentabilidade socioeconômica.

Na análise das motivações e das significações, presentes nas condutas dos agricultores familiares modernos, duas questões orientam o estudo e este texto. Uma trata das racionalidades que orientam as condutas desses agricultores na interação com o mercado que se apresentam diferentes entre si. E a outra trata das identidades socioprofissionais modernas desses agricultores, resultantes das escolhas ou racionalidades adotadas.

Para responder estas questões foram analisadas suas estratégias de comercialização, suas estratégias tecnológicas nos sistemas produtivos e suas condutas de sociabilidade no seu universo social. Para isto, duas hipóteses serviram de parâmetros para as análises: a de que os agricultores familiares modernos constroem diferentes racionalidades para orientar as suas condutas, resultantes de significados autoatribuídos; e a de que a construção das identidades socioprofissionais desses agricultores familiares modernos é definida pelas racionalidades.

Para compreender as motivações e os significados presentes nas condutas, os conceitos weberianos de ação social e de racionalidade social mostraram-se adequados. A ação social é definida como uma conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um significado subjetivo dado por quem executa, significado que orienta sua conduta, tendo em vista a ação (passada, presente, ou futura) de outro ou outros que, por sua vez, podem ser individualizados e conhecidos (WEBER, 2002). A racionalidade social é tomada como um sistema de regras de pensamento e de condutas dos atores sociais que ocorre no interior de uma estrutura econômica, política e cultural determinada, legitimando um conjunto de ações e conferindo um sentido à sociedade em seu conjunto (LEFF, 2006). Tais regras orientam condutas e práticas sociais para certos fins enquanto construção social, refletindo-se em normas morais, crenças, arranjos institucionais e em padrões de produção.

## **2. METODOLOGIA**

A abordagem analítica se assentou na perspectiva dos agricultores familiares modernos, no sentido de utilizar-se não só das informações, como das análises das suas práticas sociais, por eles mesmos refletidas, confrontadas com os conceitos, nas relações estabelecidas entre eles e o mercado. Para este fim, adotou-se o método dos tipos ideais de weber, que possibilita a

inteligibilidade, ou a compreensão, das relações sociais “no âmbito de um conhecimento intelectual e racional” (SCHNAPPER, 2000, p.14) estabelecidas pelos agricultores familiares.

Na construção da tipologia foram consideradas duas etapas: a primeira com base em literatura bibliográfica e documental dando origem a uma pré-tipologia; a outra contemplou a realização de entrevistas qualitativas, com os chefes dos estabelecimentos familiares modernos, e entrevistas qualificadas com lideranças e técnicos de extensão rural, tendo como referência a pré-tipologia.

A tipologia construída para o estudo contemplou três dimensões e nove variáveis com seus indicadores. Na dimensão comércio foram consideradas como variáveis os mecanismo de comercialização, os produtos comerciais (agrícola e não-agrícola) e a produção para consumo. Na dimensão tecnológica as variáveis consideradas foram os equipamentos, máquinas e instalações, a genética animal e vegetal e as práticas agronômicas. Na dimensão da sociabilidade as variáveis levadas em conta são a qualificação profissional, as organizações políticas, econômicas e o futuro dos filhos.

O resultado desta construção metodológica indicou três tipos ideais de agricultores familiares modernos: tipo moderno convencional, tipo moderno não convencional e tipo moderno em transição. Estes três tipos serão caracterizados e analisados, apontando resultados, sequencialmente a seguir.

O universo social deste estudo contemplou os agricultores familiares de duas regiões políticas do Paraná, o Sudoeste e o Oeste; regiões que compõem um todo *continuum*.

Os procedimentos metodológicos contemplaram, além da literatura bibliográfica e a literatura documental, a realização de 30 entrevistas semiestruturadas com os chefes dos estabelecimentos familiares no período entre setembro de 2011 a março de 2012. Após o processamento e análise dos dados obtidos nas entrevistas, foram realizadas seis entrevistas qualificadas, entre fevereiro e março de 2013. A participação em eventos que tratavam sobre a agricultura familiar contribuiu para aprofundar os debates sobre as racionalidades modernas dos agricultores familiares.

### **3. AGRICULTOR FAMILIAR MODERNO CONVENCIONAL: CONDOTA ENRAIZADA NA MAXIMIZAÇÃO DOS RESULTADOS ECONÔMICOS**

Os agricultores modernos convencionais estudados possuem uma produção comercial orientada pela lógica da especialização. Seus sistemas produtivos são intensamente tecnificados e altamente demandantes de capital financeiro e, também, altamente dependente de insumos externos, de crédito agrícola, de conhecimento técnicos e de mão-de-obra qualificada.

A produção comercial contempla o cultivo de cereais (milho, soja e trigo) e a produção animal (avicultura, suinocultura e a produção de leite), podendo ter (ou não) a produção animal e a vegetal integradas. As atividades de avicultura e de suinocultura, quando presentes no sistema produtivo, são realizadas com base no processo de integração agroindustrial.

A produção vegetal e/ou animal é toda destinada ao mercado, portanto, produzem essencialmente para o mercado objetivando renda. A venda de seus produtos é realizada fazendo uso exclusivamente do mecanismo de comercialização virtual, o mercado de *commodities*. Portanto, esses agricultores atuam em mercados formais de circuitos mais extensos. Mercados que resultam de um longo processo no qual um conjunto de valores é negociado e cuja universalização permite a dinâmica de uma cadeia produtiva com atores agindo à distância, prescindindo do contato direto tanto com o produtor quanto com o produto (WILKINSON, 2008). Assim, orientam suas práticas para atingir um padrão produtivo de referência universalizada.

A produção para o consumo é fracamente valorizada, dirigindo-se fortemente ao mercado para atender tanto o consumo de subsistência quanto o consumo destinado à produção com finalidade de renda comercial. Com exceção para os produtores de leite, que produzem, em suas unidades produtivas, as forrageiras de alto valor nutritivo de que necessitam para alimentar os animais leiteiros.

No campo da tecnologia, possuem um parque de máquinas e de equipamentos adequado à produção em escala, em constante processo de incorporação de inovações tecnológicas, e fazendo uso intensivo de capital financeiro. Na genética, fazem o uso das inovações mais recentes como as sementes transgênicas, obtendo índices de produtividade superiores à média alcançada na região. Em suas práticas agrônômicas, fazem uso intensivo de insumos de origem

industrial, realizam o plantio direto sobre a palhada, com máquinas de precisão, e o controle de pragas e doenças é realizado com uso de agrotóxicos.

Para parte dos agricultores cerealistas estudados, a venda de serviços de horas-máquina para terceiros tem sido uma estratégia utilizada para ampliar a renda familiar e garantir a permanência na atividade agrícola.

A qualificação profissional desses agricultores está vinculada à apropriação de tecnologias, *savoir-faire*, com vistas à aplicação destas em atividades produtivas sob a lógica da modernização da agricultura; fato que desafia a manterem-se em constante processo de apropriação de conhecimentos e competências específicas. Cada vez mais, estão tornando-se dependentes da assistência de técnicos especializados, pois a divisão de trabalho tende a se aprofundar gerando impactos sobre a identidade socioprofissional.

Em sua sociabilidade, esses agricultores realizam com frequência eventos de qualificação profissional circunscritos à especialização produtiva e motivados pela busca constante da produtividade; suas relações de grupos, associações e cooperativas, quando existem, ocorrem com agricultores que pertencem predominantemente a mesma racionalidade produtiva. Sua associação ao sindicato dos trabalhadores rurais, quando existe, objetiva basicamente a obtenção da condição legal de agricultor familiar.

A possibilidade de trabalho para os filhos dos agricultores convencionais no interior da unidade de produção apresenta-se com maior restrição quanto mais o sistema produtivo estiver orientado pela lógica da monocultura. Para aqueles com produção de cereais, o próprio tempo de trabalho, além de diminuir, concentrou-se em alguns momentos do calendário agrícola (ROMEIRO, 1998).

Para os agricultores convencionais estudados, os impactos socioambientais são problemas fracamente presentes em suas preocupações de ordem negativa; para eles, os problemas decorrem da necessidade de produzir alimentos para a sociedade. Além do processo seletivo que vivenciam, suas práticas agrícolas sob a lógica da racionalidade convencional põem a natureza a serviço da grande agroindústria, ou seja, da acumulação do capital (ROMEIRO, 1998).

A adoção desse pacote tecnológico produtivista apresenta-se como a solução de seus problemas, como uma opção única que lhes impõe apenas duas alternativas: ou aceitá-la ou deixar a atividade. Tal situação evidencia o porquê da sujeição pela racionalidade produtivista-instrumental inserida no padrão de modernização da agricultura.

Esses agricultores estão submetidos a uma padronização produtiva que atinge os produtos, os processos produtivos e, também, a família do agricultor familiar. Estão motivados para busca da eficiência alocativa e da maximização dos resultados da produção (SCHUTZ, 1965), expressando-se no aumento constante da escala de produção no estabelecimento familiar, em níveis crescentes de produtividade e de qualidade.

Nesse sentido, estão esses agricultores constantemente instigados pelos atores dominantes da cadeia produtiva a promover inovações tecnológicas, inseridas no contexto da chamada reestruturação produtiva. Instigados a implementar uma racionalidade convencional moderna que representa uma relação ideal entre trabalho-tecnologia-produção mensurada pelo tempo (Gehlen, 2001). O não atendimento, por parte desses agricultores, aos determinantes do mercado globalizado põe em risco a sobrevivência do negócio da família.

#### **4. AGRICULTOR FAMILIAR MODERNO NÃO CONVENCIONAL: CONDUTA ENRAIZADA EM VALORES SUBSTANTIVOS**

Os agricultores com racionalidade não convencional estudados atuam a partir da conduta produtiva guiada pela necessidade de (re)construir a maneira de produzir para permanecer na agricultura. Seus sistemas produtivos estão orientados a partir de práticas agrícolas que consideram: as diretrizes de reapropriação da natureza (LEFF, 2006); do equilíbrio entre a produção, tanto comercial quanto para consumo, e os recursos naturais numa outra maneira de fazer agricultura (ALTIERE, 1998); o baixo uso de capital financeiro e uma intensa valorização de conhecimentos tecnológicos, tanto tradicionais quanto novos conhecimentos.

A conjugação dos ciclos da natureza com os processos temporais de produção, presentes nas práticas agrícolas desses agricultores, evidencia certa perspectiva da complexidade da dinâmica da agricultura e uma percepção quanto aos limites dos recursos naturais.

A produção comercial contempla, predominantemente, os produtos ligados aos cultivos de hortifruticultura e os derivados dos processos de agregação de valor às matérias-primas (vegetais e animais) em pequena escala, com níveis diferenciados de processamento. A produção para o consumo é fortemente valorizada, dirigindo-se fracamente ao mercado para compra de produtos tanto aqueles para atender as necessidades de subsistência quanto para os destinados à unidade de produção com o propósito de obter renda agrícola.

No campo das tecnologias, possuem equipamentos tradicionais e/ou adaptados aos cultivos ecológicos, em geral de pequeno porte e pouco demandantes de capital financeiro. As instalações são, de modo geral, tradicionais, com exceção das unidades agroindustriais de pequeno porte que visam atender às exigências dos órgãos de vigilância sanitária municipal. Utilizam sementes crioulas e/ou variedades adaptadas localmente. Na produção pecuária, valorizam animais de raças crioulas, mestiças e/ou especializados, como os animais da raça Jersey, que se adaptam à produção em bases de produção agroecológica. As práticas agrônomicas contemplam o uso de fertilizantes orgânicos e a valorização dos processos naturais para conservar a fertilidade dos solos. A reciclagem dos nutrientes no solo é realizada por meio da rotação de culturas. As ervas daninhas são controladas por meio do manejo dos adubos verdes e das práticas mecânicas. O controle de pragas e doenças é realizado com produtos naturais, fitoterápicos, homeopáticos, iscas e armadilhas. A preocupação com o equilíbrio entre a dinâmica produtiva e a fertilidade do solo precede sobre a busca de resultados econômicos na produção.

Esses agricultores, ao vender sua produção, valorizam três mecanismos de comercialização: de proximidade, o institucional e o de nicho (mercado orgânico). Uma parte dos estabelecimentos familiares faz uso do mercado de trabalho não-agrícola para complementar a renda.

O fortalecimento da estratégia de agroindustrialização familiar (ou associativa), integrada às atividades agrícolas, encontra-se viabilizado e consolidado pela persistência dos diferentes mecanismos de comercialização. Os agricultores não convencionais mantêm vínculos enraizados territorialmente, sustentados por questões de confiança e inseridos em redes sociais (GRANOVETTER, 1985). Eles estabelecem vínculos com mais de uma rede social para



comercializar seus produtos. Desse modo, ampliam as condições com vistas à sustentabilidade socioeconômica.

Parte desses agricultores comercializam produtos não-agrícolas, com os quais visam ampliar a renda e, dessa forma, diminuir a dependência financeira da família em relação às atividades agropecuárias. Além de garantir uma estabilização econômica da família no meio rural, a integração das atividades agrícolas e não-agrícolas se expressa como uma estratégia que torna possível aos agricultores familiares garantir sua identidade social; condição para usufruir dos direitos sociais.

Os agricultores não convencionais qualificam-se realizando cursos e participando em eventos ligados à agricultura agroecológica, bem como nos conhecimentos ligados as políticas públicas de desenvolvimento rural, aos mercados de produtos e a legislação, entre outros. A profissionalização é percebida como condição para a permanência nas atividades agrícolas e como estratégia de autonomia para dinamizar os sistemas produtivos complexos com os quais trabalham.

Interagem com organizações cuja natureza está correlacionada com seu projeto de produção, com sua racionalidade produtiva, num processo cultural de ação social visando à reapropriação da economia a partir de valores próprios (PORTILHO, 2009). Estão fortemente ligados a grupos/núcleos e/ou associações de agricultores pertencentes à mesma racionalidade, bem como as cooperativas de crédito rural e as cooperativas de produção e de comercialização do segmento solidário. Também, estão filiados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais tanto com o propósito de obter a condição legal de agricultor familiar quanto para participar das lutas sociais e eventos diversos objetivando a permanência na agricultura.

A saída dos filhos do meio rural foi constatada em todas as racionalidades analisadas no estudo, contudo, foi entre os agricultores com racionalidade não convencional que se verificou um cenário mais adequado para a permanência dos filhos no meio rural.

As estratégias adotadas por esses agricultores na (re)construção dos sistemas de produção valorizam: o trabalho familiar nas atividades agrícolas da propriedade; a solidariedade entre os agricultores do mesmo tipo de pertencimento e entre eles e os consumidores de seus produtos por meio de condutas que valorizam a confiança, as relações de proximidades e as interrelações entre

os atores das redes sociais de comercialização (GRANOVETTER, 1985); bem como estabelecem com a natureza uma relação de respeito (LEFF, 2006).

Outros aspectos, valorizados pelos agricultores com essa racionalidade, contribuem, ainda, para estabelecer outra noção de qualidade do processo produtivo e de seus produtos. Destacam-se aí: o estilo de vida familiar integrado com o meio ambiente; a produção de alimentos ligada à dimensão cultural, em que os sabores dos alimentos naturais estão presentes na memória dos consumidores; a autonomia do sistema produtivo do estabelecimento que acaba por romper com a ameaça da heteronomia implícita no processo de modernização (RAMOS, 1989).

Evidenciou-se que os valores substantivos (RAMOS, 1989) são apropriados pelos agricultores com racionalidade não convencional para orientar suas condutas. Esta é uma racionalidade construída a partir do movimento social (TOURAINÉ, 1996) e objetiva transformações produtivas, estabelecimento de novos vínculos de mercado, valorização das economias territoriais e também a construção de outros conhecimentos e saberes. Assim, esses agricultores inserem-se no processo de construção de um novo paradigma produtivo (LEFF, 2006; SANTOS 1999), na qualidade de vida sustentada em processos de significação socioambiental e cultural.

## **5. AGRICULTOR FAMILIAR MODERNO EM TRANSIÇÃO: COMBINANDO DIFERENTES MATRIZES DE RACIONALIDADE**

Agricultores familiares com racionalidade em transição desenvolvem sistemas produtivos a partir de estratégias sustentadas numa reação à racionalidade convencional, objetivando a permanência na atividade agrícola. As estratégias de (re)construção do sistema produtivo estão inseridas numa conduta de resistência aos critérios de competitividade e eficiência exigidos pelos atores dominantes das cadeias produtivas (WILKINSON, 2008).

Para esses agricultores os cultivos tradicionais (cereais, milho, soja e feijão, e a fumicultura) estão perdendo importância comercial e sendo substituídos por outras atividades produtivas (produção de leite, a hortifruticultura e a verticalização da produção).

Os agricultores fazem uso tanto do mecanismo de comercialização virtual (cadeia longa) quanto do mecanismo de proximidade e do mecanismo institucional (cadeia curta) para vender seus produtos. O mercado de trabalho não agrícola é uma estratégia de renda complementar valorizada por uma parte desses estabelecimentos familiares.

A produção para o consumo é medianamente valorizada, contudo, na produção para consumo na unidade de produção ela está fortemente presente nos sistemas produtivos daqueles que possuem a produção de leite e daqueles que atuam na agroindustrialização em pequena escala.

No campo das tecnologias, esses agricultores, quando possuem máquinas e equipamentos para o cultivo de cereais, estão predominantemente limitados a poucos bens (trator, grade e pulverizador e outros) e com muitos anos de uso; compram de terceiros os serviços de que necessitam para o cultivo de cereais. Os agricultores que produzem leite reaproveitam as instalações antigas (galpões de fumo, chiqueiros), fazendo, na medida do possível, os ajustes necessários para adotar as especificações exigidas pelos laticínios; possuem ordenha mecânica e equipamento de resfriamento do leite por imersão ou expansão. No que se refere às unidades agroindústrias (com até 150 m<sup>2</sup>), elas são simples e apenas parte delas atendem às exigências dos órgãos de vigilância sanitária municipal. No cultivo de cereais, fazem uso de sementes híbridas e transgênicas; na produção de leite, a genética animal utilizada está situada entre os animais mestiços, ainda não especializados e, entre os animais especializados, há ênfase para a raça Jersey, o que tem por objetivo uma produtividade no de leite que se situe em torno da média regional. Em suas práticas agronômicas, fazem uso semi-intensivo de insumos de origem industrial, pois sempre que possível valorizam o uso de adubos orgânicos provenientes das camas de aves; realizam o plantio direto, com o controle de pragas e doenças a partir do uso de agrotóxicos. Na produção leiteira, fazem uso de forrageiras de média-alta qualidade nutricional, com pastejo rotacionado. Em suas práticas, visam obter uma produtividade média nas atividades e, sempre que possível, visam reduzir a penosidade do trabalho; no que se refere ao cultivo do fumo preocupam-se com a saúde familiar.

Esses agricultores adotam uma estratégia de caráter evolutivo na implementação das tecnologias, tanto nas instalações de que necessitam quanto na genética e nas práticas

agronômicas. Além disso, são guiados por uma lógica semi-intensiva no uso de insumos químicos. As tecnologias de diferentes racionalidades são ressignificadas com base no patrimônio agrícola cognitivo dos agricultores. Dessa forma, os agricultores preservam, ainda que sob forma ressignificada, elementos do patrimônio acumulado no saber-fazer produtivo local (FLORIANI et al, 2008).

A permanência na atividade agrícola para os agricultores em transição também relaciona-se fortemente com a necessidade da qualificação profissional. Porém, apenas parte desses agricultores valoriza a qualificação profissional: entre os que buscam qualificação, uns preconizam os eventos de capacitação circunscrita à perspectiva de modernização da agricultura enquanto outros valorizam os eventos que tratam da diversificação do sistema produtivo e/ou da agricultura ecológica.

No âmbito dos vínculos organizativos, somente uma parte das famílias possuem vínculos com grupos de base ou associações e cooperativas de produção (empresariais ou solidárias), mas todos os agricultores estudados estavam associados às cooperativas solidárias de crédito rural. Alguns dos agricultores estudados possuem vínculos mais fortes com a entidade de representação política (Sindicato) e objetivam acessar informações, envolver-se nas lutas sociais em defesa de suas reivindicações e proposições, no fomento à cooperação solidária, como o movimento cooperativo, e na participação de eventos técnicos.

No que se refere aos filhos, destaca-se que aqueles agricultores em transição que realizam os ajustes do sistema produtivo objetivando maior grau de diversificação nas atividades agrícolas estão criando um ambiente mais favorável para que os jovens possam assumir a profissão de agricultor familiar.

Conforme observado entre esses agricultores, o portfólio de estratégias utilizadas contempla: um rearranjo dos cultivos comerciais, agrícolas e pecuários, com redução e/ou substituição de plantio e otimização do fator trabalho e terra; a verticalização agroindustrial em pequena escala com tendência à formalização, de forma familiar e/ou associativa; também, o uso do mercado de trabalho não-agrícola (pluriatividade). Parte expressiva dos agricultores em transição está realizando ajustes objetivando a lógica de diversificação do sistema produtivo. É

importante mencionar que, entre esses agricultores, a capacidade na implementação das práticas que os conduza à diversificação se apresenta de forma diversa.

Entre as motivações dos agricultores para viabilizarem a estratégia da diversificação, pode-se destacar, por um lado, a demanda por manter uma determinada autonomia na gestão do sistema produtivo e, por outro, a luta para serem reconhecidos na diversidade de suas situações de trabalho e de vida (ALMEIDA, 1999).

Ainda de acordo com o estudo, outros motivos encorajam os agricultores a promover os ajustes. São eles: a busca pela diminuição da penosidade do trabalho, a redução de riscos climáticos e de mercado (LIPTON, 1968); a diminuição dos riscos à saúde e a poluição do solo e da água (LEFF, 2006); a valorização de habilidades comerciais para venda de produtos e inovações institucionais que valorizem outros mercados de produtos assim como os de proximidade e institucional (WILKINSON, 2008).

Observou-se que as condutas dos agricultores em transição situam-se entre as duas outras racionalidades modernas estudadas e a racionalidade tradicional. As diferenças surgem de acordo com as condições do contexto onde as famílias estão inseridas e o projeto do sistema produtivo em construção. Estas famílias fazem uso de diferentes estratégias produtivas para alcançar a sustentabilidade social e de um processo de hibridação tecnológica que contempla aspectos das diferentes matrizes de racionalidade produtivas (FLORIANO et al., 2008). Desse modo, inserem-se num ambiente de experimentação em seus sistemas para poder viabilizar seus projetos produtivos.

Por fim, resta importante considerar que alguns dos agricultores em questão podem, em suas experiências, transitar para o tipo de agricultor familiar moderno convencional ou agricultor moderno não convencional. Ainda, eles podem deixar de realizar a atividade agrícola por não mais desejarem essa profissão, bem como podem contribuir para a construção de outras racionalidades produtivas.

## **6. OS SIGNIFICADOS DE EXISTÊNCIA, A IDENTIDADE SOCIOPROFISSIONAL E A SUSTENTABILIDADE SOCIAL**

Os agricultores estudados gerenciam suas racionalidades e suas identidades socioprofissionais objetivando a sua afirmação como agricultores familiares no futuro. Esses agricultores, ao processarem suas experiências, atribuem-se significados que delineiam as maneiras de conduzir os seus projetos de produção e de vida. A sustentabilidade social encontra-se relacionada com a permanência futura dos agricultores modernos na atividade agrícola.

Desse modo, os agricultores definem sua participação na construção da realidade social forjando racionalidades que podem ser regidas tanto por motivações dadas pelo processo de modernização da agricultura e pela sociedade centrada no mercado quanto por fundamentos que consideram sua própria história, além de demais valores outros como o respeito à natureza, a valorização das tradições, a diversidade das formas de produção agrícola negados pela razão moderna (TOURAINÉ, 1996; RAMOS, 1989; LEFF, 2002).

As experiências vivenciadas pelos agricultores, num contexto de rápidas e permanentes mudanças da sociedade moderna, são remetidas a uma condição de existência pública. A (re)construção das suas identidades socioprofissionais exigiu uma ordenação de projetos socialmente definidos numa rede de interações diversas e referenciada na relação com o mercado (SCHULTZ, 2006). Suas identidades socioprofissionais encontram-se definidas pelas atividades que sabem fazer ou desejam saber fazer com qualidade e competência profissional, pois, por meio dela, ganham prestígio e status, ou seja, reconhecimento social (GEHLEN, 2001).

Assim, evidenciou-se nesse estudo que os agricultores familiares modernos forjam diferentes racionalidades, cujas experiências possibilitam a emergência de um agricultor familiar que se define por não ter uma identidade socioprofissional única e permanente (HALL, 2006). As identidades socioprofissionais desses agricultores são definidas pelas racionalidades que orientam suas condutas. Portanto, estes agricultores modernos são diversos, as motivações e os significados de suas condutas diferenciam-nos.

A valorização das diferentes racionalidades entre os agricultores familiares modernos fortalece a dinâmica socioeconômica e ambiental local. Ademais, ela desempenha um importante papel no desenvolvimento rural. Tais racionalidades resultam de um repertório cultural composto

de uma variedade de respostas potenciais a tendências e mudanças na comercialização dos produtos, nas tecnologias e na sociabilidade (LONG, 2007).

Assim sendo, ganham importância as políticas públicas de Estado capazes de atender as diferentes racionalidades que orientam as condutas dos agricultores modernos. A partir dos agricultores entrevistados, tornou-se evidente que estas políticas direcionadas à agricultura familiar pelo Estado necessitam de um caráter cada vez menos universal e mais específico.

Por fim, há que se enfatizar a questão da sustentabilidade social dos agricultores familiares modernos, no sentido de sua permanência futura na atividade agrícola. Ante os aspectos como a maneira de apropriação da natureza, o grau de dependência do mercado, o trabalho familiar no estabelecimento, o padrão tecnológico, o acesso aos mecanismos de comercialização e a organização associativa, qual das racionalidades analisadas é a mais sustentável, ou, qual é a menos sustentável? Tal questão abre caminho para estudos futuros, com a perspectiva de compreender a sustentabilidade social dos agricultores familiares modernos a partir das diferentes racionalidades que orientam suas condutas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **A construção social de uma nova agricultura**: tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil. – Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

FLORIANO, N. et al. **Modelos híbridos de agricultura em um faxinal paranaense**: confluência de imaginários e de saberes agrícolas, 2008. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT2-203-639-20100907224900>>

GEHLEN, I. Pesquisa e competitividade na agropecuária brasileira. In: **Sociologias – Acesso em: 10 de out. 2011**. UFRGS, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Porto Alegre, ano 3, n. 6, jul-dez, 2001, p.70-93.

GRANOVETTER, M. **Economic action ans social structure**: the problem of embeddedness. American Journal of Sociology, v.91, n.3, Nov.1985. p. 481-510

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar: comparação internacional.** Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental.** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Racionalidade ambiental: a reapropriação da natureza.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPTON, M. **The theory of optimising peasant.** The Journal of Development Studies, 1968.

LONG, N. **Sociologia del desarrollo: una perspectiva centrada en el actor.** - México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social: El Colégio de San Luis, 2007.

PORTILHO, F. **Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados.** Revista Política & Sociedade - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.– Vol 8, nº 15, out.,2009. p.199-224

RAMOS, G. **A nova ciência das organizações.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

ROMEIRO, A. R. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura.** São Paulo: FAPESP, 1998.

SANTOS, B. S.. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 6.ed.- São Paulo: Cortez, 1999.

SCHNAPPER, D. **A compreensão sociológica: como fazer análise tipológica.** Lisboa: Gradativa, 2000.

SCHNEIDER, S.. Introdução. In: **A diversidade da agricultura familiar** (Org). Porto Alegre: UFRGS, 2006. p.7-12

SCHULTZ, T. **A transformação da agricultura tradicional.** Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

SCHULTZ, G. **Relações com o mercado e (re)construção das identidades socioprofissionais na agricultura orgânica.** Porto Alegre, 2006, p.280. Tese (Doutorado em Agronegócios) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Agronegócios.

TOURAINÉ, A. **O retorno do actor: ensaio sobre sociologia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

\_\_\_\_\_. **Crítica à modernidade.** Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas.** 2. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Cap. 1, p. 21-55.



WEBER, M. **Economía y Sociedad**: esbozo de sociología comprensiva. Fondo de Cultura Económica. 2. Reimpresión, Madri: FCE, 2002.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores**: o novo mundo da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

*Recebido em 30/10/2015*  
*Aprovado em 24/11/2015*